

# RELAÇÕES SOCIOECOLÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DAS PAISAGENS ÉTNICAS UCRANIANAS NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ (1890-1945)

SOCIO-ECOLOGICAL RELATIONSHIPS IN  
THE CONSTRUCTION OF ETHNIC  
UKRAINE LANDSCAPES IN THE  
CENTRAL-SOUTH REGION OF PARANÁ  
(1890-1945)

RELACIONES SOCIOECOLÓGICAS EN LA  
CONSTRUCCIÓN DE PAISAJES ÉTNICOS  
UCRANIANOS EN LA REGIÓN CENTRO-  
SUR DE PARANÁ (1890-1945)

 10.5935/2177-6644.20220015

Darlan Damasceno \*

 <https://orcid.org/0000-0003-1880-2266>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as formas de transformação e ressignificação das relações socioecológicas durante o processo de imigração dos ucranianos para o Paraná. Para tal, analisamos fontes narrativas de indivíduos que se estabeleceram no Estado entre os anos de 1890 e 1945. Ressaltamos em tais relatos, as relações desse grupo com a paisagem e o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Imigração ucraniana. História Ambiental. Paisagens.

**Abstract:** The present paper aims to reflect on the forms of transformation and re-signification of socio-ecological relations during the process of immigration of Ukrainians to Paraná. To this end, we analyze narrative sources of individuals who settled in the state between the years 1890 and 1945. We highlight in these accounts the relations of this group with the landscape and the environment.

**Key-words:** Ukrainian immigration. Environmental History. Landscapes

**Resumen:** El presente artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las formas de transformación y resignificación de las relaciones socio-ecológicas durante el proceso de inmigración de ucranianos a Paraná. Para ello, analizamos las fuentes narrativas de los individuos que se establecieron en el estado entre los años 1890 y 1945. Destacamos en estos relatos las relaciones de este grupo con el paisaje y el medio ambiente.

**Palabras-clave:** Inmigración ucraniana. Historia del medio ambiente. Paisajes.

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).   
<http://lattes.cnpq.br/8726795763132118> - E-mail: [darlan\\_damasceno@hotmail.com](mailto:darlan_damasceno@hotmail.com).

## Introdução

Através do movimento imigratório europeu para os estados meridionais brasileiros, iniciado no século XIX, diversas famílias buscaram se estabelecer nos núcleos coloniais que visavam atender um projeto liberal desenvolvimentista dos governos provinciais e, posteriormente estaduais, de ocupação territorial e produção agrícola. Tal projeto se consolidou através da elaboração da narrativa de que o Brasil se constituiria por uma natureza benéfica que possibilitaria uma perfeita aclimação ao imigrante e aos seus modos de vida, vinculados ao trabalho agrícola, à família e ao seu grupo social. O imigrante por sua vez, colaboraria com o conhecimento técnico de agricultura para ajudar a desenvolver as regiões consideradas pelo governo como despovoadas e constituídas de uma natureza a ser desbravada e explorada por seus recursos (ANDREAZZA, 1996; BUBLITZ, 2010; SANTOS, 2011).

É dentro deste contexto que os imigrantes ucranianos, um grupo étnico identificado como rutenos, oriundos da região da Galícia no oeste da Ucrânia, se estabelece nos núcleos coloniais na região Centro-Sul do Paraná a partir de 1890. Dentre tais núcleos, destacamos neste estudo especificamente a colônia de Rio Claro (atualmente o município de Mallet); a colônia de São João do Capanema (atualmente o município de Prudentópolis) e a Colônia de Antônio Olinto (hoje, município de Antônio Olinto). Similarmente a diversos grupos étnicos que se estabeleceram no sul do Brasil nesse período, tais como, alemães, poloneses, italianos, entre outros, a maior parte das famílias ucranianas era composta por camponeses que optaram pela imigração como forma de fugir da pobreza, da fome, dos abusos dos senhores de terra e da servidão de gleba e, especialmente no caso ucraniano, na tentativa de se tornarem “senhores da sua terra” (ANDREAZZA, 1996; GUÉRIOS, 2012).

A historiografia referente aos movimentos imigratórios do século XIX explorou como o processo de estabelecimento em um novo espaço expôs esses grupos a diversas situações de conflito, sobretudo na esfera da alteridade, onde sua identidade fora posto em cheque (ALVIM, 2006; CAMPIGOTO, 2014; FRANZINA, 2010; RAMOS, 2017; SANTOS, 2011; SEYFERTH, 1990). No entanto, para além das relações sociais, um outro aspecto da alteridade necessita ser abordado mais especificamente. Tal aspecto se refere à alteridade ambiental. Ao cruzarem o Atlântico, essas famílias deixavam no continente europeu uma série de conhecimentos, técnicas e modos de vida pautados por suas relações socioecológicas com o meio ambiente. Esse meio ambiente, por sua vez, já estruturado por interferências antrópicas muito específicas através do modo de produção camponês similar ao feudal, que no caso do Leste europeu, pode ser encontrado

até meados do século XIX, e muitas vezes até o início do XX, resistindo aos avanços da industrialização. Desse modo, uma vez que essas famílias se estabelecem nos núcleos coloniais, elas se defrontam com uma nova configuração biológica e social à qual precisam se adaptar, não só para a sua sobrevivência como indivíduos, mas para a sobrevivência étnica e simbólica de seu grupo. Assim, a floresta ombrófila mista (FOM) caracterizada pela mata de araucária, que segundo diversos autores, também se constitui de um ambiente estruturado pelas relações antrópicas (CABRAL, 2014), necessita de técnicas e práticas próprias para o seu manuseio, ao qual o imigrante transformará e será transformado pelo mesmo.

Desse modo, este artigo busca analisar três processos de transformação e ressignificação nas relações socioecológicas nas colônias dos imigrantes ucranianos. Em um primeiro momento, se discute a importância da alteridade ambiental no contexto imigratório e na percepção dos imigrantes referente ao meio ambiente, tal relação pautada pelas paisagens do medo. Em seguida, buscamos discutir os usos e apropriações de técnicas de manejo e conhecimento da Floresta Ombrófila Mista (FOM), pautadas pelo contato dos imigrantes com os povos tradicionais. Por fim, argumentamos que, uma vez que as técnicas de manejo são constituídas, inicia-se um processo de ressignificação do meio ambiente pautado pelas características identitárias e simbólicas do grupo imigrante no processo de (re)construção das paisagens étnicas.

As fontes utilizadas em nossa análise consistem em cartas e depoimentos dos primeiros imigrantes publicados nos jornais *Práčia* e *Svoboda* entre os anos de 1897 e 1951. Em tais depoimentos, buscamos analisar a problemática deste artigo através da abordagem da história ambiental.

### **Paisagens do medo e alteridade ambiental**

Com a chegada dos imigrantes e seu estabelecimento nas colônias, a realidade mostrou-se diferente. Ao invés da natureza imaginada e tanto divulgada pelos agentes das companhias de navegação e pelo governo<sup>1</sup>, o imigrante se defronta com a alteridade ambiental. A floresta ombrófila mista apresentou-se como uma barreira física, imaginária e subjetiva que se interpôs na tentativa desse grupo em reconstruir sua realidade social nos trópicos. Nesse sentido, o imigrante passaria a transformar esse novo ambiente em que estava inserido na busca não só de seu

---

<sup>1</sup> Fora uma prática comum, ainda durante o governo imperial, o envio de agentes com o objetivo de divulgar as benesses que o imigrante encontraria no Brasil. Com a Proclamação da República, tal prática se perpetuou nos governos estaduais, embora os empregadores de tais agentes passaram a ser as companhias de navegação encarregadas do transporte dessas pessoas.

estabelecimento nos núcleos coloniais, mas também, para reconstruir sua própria identidade.

O geógrafo Diogo de Carvalho Cabral em seu estudo sobre a transformação da mata atlântica no período colonial, explora a existência da chamada alteridade florestal na relação dos portugueses e dos neo-brasileiros frente à floresta. Segundo o autor, a conquista da vegetação ocorria não somente por um fim utilitário, pautado nas necessidades da população, ou como suporte para uma atividade econômica, “havia, na verdade, um importante motivo étnico ou identitário por trás do desflorestamento colonial” (CABRAL, 2014, p. 62-63). Assim, os colonizadores portugueses derrubavam a floresta para “definir quem eles eram na nova situação sociocultural” (CABRAL, 2014, p. 63). De modo semelhante, podemos notar o mesmo fenômeno nas colônias ucranianas no Paraná. Não fora somente a dificuldade para sua sobrevivência que a floresta apresentou, sua própria constituição como grupo estava ameaçada nessa relação de alteridade com o mundo natural. Essa dificuldade pode ser visualizada através da historiografia que analisou o estabelecimento dos ucranianos no Paraná (ANDREAZZA, 1996; BORUSZENKO, 1967; GUÉRIOS, 2012; RAMOS, 2012).

Tal adversidade na adaptação desta população é um fator a se considerar quando se busca compreender seu universo subjetivo e sua percepção sobre a nova realidade na qual estavam inseridos. No relatório apresentado pelo presidente de província à Assembleia Provincial, em 1876, essa dificuldade era relatada.

O colono europeu por via de regra desanima diante de nossas matas virgens, porque para ele é completamente ignorada essa cultura extensiva, da derrubada, da queima e das sementeiras a vôo, e é por isso que internados nas colônias afastadas dos centros populosos eles fogem de entregar-se a esse trabalho improbo (GUÉRIOS, 2012, p. 121).

O “trabalho improbo” frente à floresta, resulta primeiramente do aspecto geográfico. As diferenças climáticas, de formas de cultivo e, sobretudo, relacionada às diferenças de vegetação entre a Europa e a região centro-sul do Paraná, dificultam a ocupação do colono. Tal fator pode ser interpretado como um elemento comum durante o estabelecimento de diversas outras etnias nos estados meridionais brasileiros. Conforme Bublitz (2010) analisa a imigração alemã no Rio Grande do Sul, ela expõe o desconhecimento do camponês europeu em relação às formas de ocupação de uma mata virgem. Para a autora, o contexto da ocupação das matas europeias no século XIX permitiu aos camponeses viverem em um meio ambiente já antropomorfizado.

Em um segundo momento, podemos afirmar que a dificuldade de adaptação frente ao mundo natural passa pela esfera simbólica e subjetiva, figurada especialmente pela paisagem. Para Eric Dardel (2015, p. 31), a paisagem “coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações

existenciais com a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta carne e sangue”. Nesse sentido, Dardel (2015) conceitua a paisagem não como algo exterior ao homem, mas sim sua completude. Compreendemos assim, que a paisagem enquanto uma impressão de conjunto, uma totalidade, não pode ser desvinculada da relação de sua transformação mútua com o homem, implicando em sua geograficidade original. Desse modo, “a geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo” (DARDEL, 2015, p. 31). A paisagem para Dardel (2015), deixa explicitada a relação do homem com o mundo natural. Não sendo um mero descanso para o olhar, ela se apresenta como o próprio elemento estruturante do homem enquanto ser social. Representa também o próprio senso de temporalidade da sociedade, mesmo em sua ausência.

Dentro desta concepção de paisagem, o geógrafo Yi-Fu-Tuan (2005) apresenta uma abordagem chave para nossa discussão. O conceito de “paisagens do medo”:

O que são as paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos (TUAN, 2005, p. 12).

Assim, a sociedade necessita tornar cognoscível uma paisagem para que possa existir o sentimento de lugar. A luta pelo controle do “caos” da natureza, resulta na edificação de fortalezas humanas, suas moradias, que os protegem dos elementos e do desconhecido representado pelo mundo natural. Também os defendem da fome seus campos cultivados, que necessitam de constante intervenção do homem para que não sejam reconquistados pelo meio ambiente. As paisagens do medo também se constituem de um fenômeno histórico, exigindo sua problematização em contextos temporais e sociais específicos, tal qual ressalta o autor:

As paisagens do medo não são situações permanentes da mente, ligadas a segmentos imutáveis da realidade tangível; nenhum esquema atemporal pode simplesmente englobá-las. Por isso é necessário abordar as paisagens do medo tanto da perspectiva do indivíduo quanto do grupo, e colocá-las, ainda que sob a forma de tentativa, em marco histórico (TUAN, 2005, p. 14-15).

Através dessas considerações, podemos traçar um panorama por meio da análise dos depoimentos e relatos dos imigrantes sobre como foi a relação deles com essa paisagem. Portanto, temos em mente que seu imaginário a respeito do mundo natural utilizara os mesmos esquemas de percepção com que eles classificaram seu mundo, sobretudo, a forma com que eles perceberam essa alteridade ambiental.

## Relações socioecológicas e a construção das paisagens étnicas

Partimos do pressuposto para esta análise que a transformação do mundo natural se dá, inicialmente, através do processo de subjetivação do mesmo (CRONON, 1990), ou seja, em um primeiro momento, os imigrantes precisam classificar e ressignificar o meio em que estão inseridos para então o (re)construírem como um referencial simbólico que os indiquem o pertencimento a um grupo e a um lugar. Dentro deste processo, podemos identificar uma diversidade de apropriações nas relações socioecológicas entre os diversos grupos que habitaram a região em estudo e a Floresta Ombrófila Mista. Segundo Dora Shellard Corrêa (2013), essas apropriações podem ser constatadas através das sobreposições das paisagens, onde os modos de uso e as técnicas de diversos grupos são inscritos na paisagem através de uma transposição do conhecimento relacionado ao saber identificar, manejar e explorar esse ambiente. Cada grupo por sua vez adapta o meio e se transforma nessa relação. Ao analisar essa sobreposição, o pesquisador consegue “ler” a paisagem em suas camadas de temporalidades específicas (CORRÊA, 2013).

No caso da Floresta Ombrófila Mista no contexto da imigração ucraniana temos um fenômeno similar. Como já ressaltamos, o próprio bioma da Mata Atlântica pode ser considerado como estruturado através de ações antrópicas dos povos indígenas que habitavam a região (CABRAL, 2014). Assim, a FOM, e especialmente a Mata de Araucária, apresenta sua expansão territorial pautada por essa relação (SEDREZ DOS REIS; LADIO; PERONI, 2014). O manejo desse sistema biológico pode ser identificado desde os grupos linguísticos Jê com uma continuidade similar nos modos de técnicas até os Kaingang e os Xokleng durante o século XIX. Nesse período, através dos processos de colonização e expansão territorial por parte do governo brasileiro, observa-se uma gradativa diminuição das comunidades indígenas nas regiões dos planaltos. Estas, procuram se refugiar em muitos casos próximas ao litoral ou nas áreas de campos. Assim, o sistema técnico de manejo da floresta passa para outro grupo tradicional, os Caboclos, ou pequenos agricultores e posseiros que ocupavam a região (SEDREZ DOS REIS; LADIO; PERONI, 2014).

Ao se estabelecerem nas regiões da FOM, os imigrantes ucranianos por mais acostumados com os trabalhos agrícolas devido à sua configuração social campesina, não dispunham do sistema técnico<sup>2</sup> já estabelecido nesse contexto ecológico, necessário para seu correto manejo para a aquisição de alimentos ou atividades agrícolas. Desse modo, como analisado por Cecília Hauresko (2012), podemos perceber as diferenças entre os dois grupos em sua forma de compreender o

---

<sup>2</sup> Compreendemos um sistema técnico como “um regime de relações que um determinado grupo humano estabelece com os elementos não humanos do ecossistema e que permite a sua manutenção e reprodução econômica e cultural” (CABRAL, 2014, p. 58).

ambiente em que estavam inseridos, assim como, sua compreensão de domínio, adaptação e trabalho referente àquele sistema ecológico. De acordo com a autora, “O caboclo já se encontrava ambientado e sua relação com a terra, com a mata era totalmente diferente da do colono europeu. Este último precisava antes, de qualquer passo, adaptar-se. O imigrante desconhecia a terra” (HAURESKO, 2012, p. 97).

Um dos relatos do período que podemos analisar sobre essa questão é o relato de Teodoro Potoskei, imigrante que se estabeleceu em Rio Claro em 1895, que apresenta a descrição do período imigratório menos alterada, devido ao seu contexto de produção. O documento produzido é uma carta destinada ao jornal *Svoboda*<sup>3</sup> de circulação norte-americana destinado aos ucranianos que lá se estabeleceram. Potoskei descreve a situação da colônia de Rio Claro em setembro de 1897, após dois anos de sua chegada. Com relação à paisagem, ele apresenta:

Por volta do final de setembro, as pessoas geralmente começam a limpar um pedaço de terra para um campo. Em meados de outubro, a vegetação rasteira restante é removida de entre as árvores maiores e deixada para secar por uma semana enquanto as próprias árvores são cortadas. Uma área com árvores grandes e de troncos grossos oferece o solo mais fértil para o agricultor, mas o trabalho de limpeza é mais difícil [...] Depois de cortados e deixados para secar ao sol por duas a três semanas ou um mês, o próximo passo é queimar todas as árvores, galhos e tocos. Acende-se uma fogueira e então você tem que fugir rapidamente porque o chão praticamente treme e zumba com o calor do fogo enquanto queima. É terrível assistir! Quando o fogo se apagou e o solo esfriou, você pode plantar milho, feijão, pepino, abóbora, melão. [...] Os melhores campos e jardins estão nestas manchas de floresta queimada (POTOSKEI, 2000, p. 17)

No depoimento de Potoskei, podemos observar alguns indícios da aproximação dos imigrantes com as populações tradicionais, sobretudo na forma como estas últimas auxiliaram como mediadoras entre os conhecimentos necessários para os ucranianos se relacionarem com a alteridade ambiental. Podemos compreender essa mediação como uma forma de transmissão do sistema técnico da FOM entre os grupos indígenas Xokleng e Kaingang para os caboclos e estes, por sua vez passam aos imigrantes. Sobre essa relação Hauresko (2012, p. 129) apresenta que, “A convivência entre eles e os caboclos da região fez com que incorporassem as práticas agrícolas e de extrativismo, costumes e até hábitos alimentares caboclos, construindo, aqui, um universo social [...]”. Para Manoel Teixeira dos Santos (2011), podemos evidenciar essa aproximação entre os

---

<sup>3</sup> O jornal foi fundado em 11 de setembro de 1893 em Nova Jersey, Estados Unidos, pelo padre Hryhorii Hrushka. Suas publicações eram em língua ucraniana e destinavam-se às comunidades de imigrantes estabelecidos tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá. Entre os assuntos abordados pelo jornal, destacavam-se as temáticas relacionadas ao estabelecimento dos imigrantes no continente americano, notícias sobre a antiga pátria e publicações de intelectuais e membros do clero que reforçavam o nacionalismo dos ucranianos. Sua circulação abrangeu também, os núcleos coloniais dos imigrantes no Brasil, fora comum a publicação de relatos sobre as condições de vida dos ucranianos nas colônias brasileiras.

grupos através dos modelos de casas adotados e o domínio e uso da técnica da coivara. Ainda de acordo com Santos, a técnica da coivara consistia na derruba de uma porção de mata seguida pela sua queima. Após esse processo, seria efetuado o plantio, que em muitos casos necessitaria somente do uso de uma enxada. Após o cultivo por algum período, essa clareira seria abandonada sendo recuperada pela mata secundária, e o processo de queima seria efetuado em outra área. Ainda de acordo com o autor, esse sistema técnico era o principal a ser utilizado por monocultores, lavradores nacionais e populações indígenas. Nesse sentido, tal sistema fora assimilado rapidamente pelos imigrantes (SANTOS, 2011).

Em outro momento de seu depoimento, Potoskei apresenta uma narrativa do ambiente já conhecido e ressignificado pela técnica. Após seu aparente sucesso em se estabelecer na colônia de Rio Claro, Potoskei utiliza o referencial simbólico de sua religião.

Quando chegamos aqui, as florestas e as colinas eram tantas que você não conseguia achar um lugar para sentar o pé. Mas nós já possuímos uma colônia inclusive uma vila<sup>4</sup> com casas de madeira em ambos os lados da estrada e nossa igreja rutena fica em uma colina bem no centro do vilarejo. Não há no Brasil outra igreja rutena que seja tão bonita quanto a nossa (POTOSKEI, 2000, p. 15).

De forma semelhante ao depoimento de Potoskei, João Pacevicz que chega em terras paranaenses nos primeiros anos da imigração, em 1891. Se estabelece nas proximidades de Mallet, na colônia de Rio Claro. Seu depoimento foi publicado, em 1951, no jornal *Pracia*<sup>5</sup>, de Prudentópolis.

A floresta era densa e escura, cheia de cobras e animais selvagens. Os animais selvagens chegavam até na frente da nossa casa, por isso passamos muito medo e preocupação, para espantá-los dali. [...] E como no sonho vejo a floresta negra, tocos queimados e picadas estreitas (PACEVICZ, 2000, p. 11).

Em ambos os depoimentos percebemos a descrição do ambiente à sua volta. Potoskei, embora não volte sua atenção totalmente ao meio ambiente, o descreve através de um processo de adjetivação. Após isso, ele apresenta a discussão exposta anteriormente sobre a “conquista” do mundo natural, já ressignificado em um *celó*<sup>6</sup>, com suas casas características e uma igreja ucraniana no topo de uma colina; indícios da ressignificação da paisagem em uma paisagem étnica e, sobretudo, a conversão de uma natureza selvagem em um espaço sagrado.

No depoimento de Pacevicz observamos o impacto que a paisagem causa na estruturação de

<sup>4</sup> O termo original em ucraniano utilizado por ele é *celó*, designação que remete às vilas de camponeses na Galícia.

<sup>5</sup> O Jornal *Pracia* foi fundado em dezembro de 1912 no município de Prudentópolis. Sua impressão era de responsabilidade da tipografia dos padres basilianos. O *Pracia* tinha sua circulação principalmente entre as comunidades de imigrantes ucranianos nas colônias da região Centro-Sul do Paraná.

<sup>6</sup> Forma de organização das comunidades camponesas da região da Galícia.

sua memória. Ao categorizar a floresta densa e escura, ele atribui um sentido e uma percepção que era estruturada através de um imaginário social. A necessidade de relatar essa experiência e, principalmente o aspecto relacionado ao sonho, nos indicam uma permanência que a floresta ocupou nas mentalidades dos primeiros imigrantes. A importância desse fator foi ressaltada por Simon Schama (1996, p. 17) “mas o sentimento de medo nutrido por muitos deles acusa algumas das surpreendentes permanências, ao longo dos séculos, de camadas e camadas de lembranças e representações ligadas à natureza”.

A questão que relaciona natureza e as representações permeia o imaginário cultural destes imigrantes de etnia eslava. Da mesma forma como a montanha, a floresta exerce um papel de atração, fascínio e medo nessa população; um sentimento quase mítico que a relaciona ao desconhecido e à religiosidade pagã (BUBLITZ, 2010). Ainda segundo Bublitz (2010, p. 69), “para a Igreja, as florestas representavam o lado obscuro do mundo ordenado, e os seus padres trataram de popularizar tal posicionamento”.

Frente ao medo e ao fascínio da floresta, nem mesmo o clero da igreja ucraniana consegue se afastar totalmente. Em um relato de padre Kizema<sup>7</sup>, membro do clero greco-católico<sup>8</sup> que chegou em Prudentópolis no dia 07 de julho de 1897, referente à situação dos imigrantes emerge este exemplo.

Eles desdenham de si próprios, as garotas e as mulheres estão na perdição nessas florestas, como pagãs; entre os brasileiros sem Deus, eles próprios perderam sua devoção e sua moral [...] Agora trabalham com a serra e o machado, que destroem a grandiosa floresta para o estabelecimento. As pessoas vagueiam como cadáveres, de miséria e de fome. Quatro cemitérios já estão cheios. Nas florestas, estão enterrados mais incontáveis corpos (KIZEMA, 1897 apud GUÉRIOS, 2012, p. 140).

Kizema relaciona dois aspectos interessantes: a comparação entre floresta e selvageria, assim como o imaginário da floresta com a tradição pagã, tomando a noção da natureza como fronteira. Em seu relato percebemos, também, a relação estabelecida entre as práticas religiosas e a natureza, Kizema assimila a desestruturação religiosa e moral dos rutenos à selvageria da natureza e à falta de religiosidade percebida nas atitudes dos brasileiros: os rutenos, em suas palavras, estavam tornando-se tão selvagens quanto as pessoas e a natureza do país a que vieram (GUÉRIOS, 2012).

Essa forma de categorizar esses elementos, indica-nos a existência de um campo de representações que, aos poucos, passa a ser ressignificado e incorporado à prática religiosa da

<sup>7</sup> Segundo Guérios (2012), padre Selvester Kizema atuou como missionário da Ordem de São Basílio Magno junto às comunidades de imigrantes. Circulou por diversas colônias relatando aos seus superiores através de cartas, a situação dos imigrantes em terras brasileiras.

<sup>8</sup> A Igreja Greco-Católica fora formada através da União de Brest (1596-1596), quando as igrejas rutenas rompem relações com a Patriarcado de Constantinopla e passam a responder à autoridade do Vaticano.

comunidade. A expressão “grandiosa floresta” também aponta o espanto e o fascínio frente a algo que escapa à percepção da realidade. Retornando aos relatos sobre a natureza brasileira produzidos por Oleskiv,

Seria possível viajar por trem expresso pela floresta por dias inteiros próximo a rochas quase estéreis, através de florestas eternas e pântanos densamente crescidos, através de desertos áridos, onde as culturas nunca poderiam ser cultivadas e em colinas tão largas e íngremes e nem sequer ver um lugar onde você poderia construir uma casa (OLESKIV, 2000, p. 7).

Assim, Oleskiv nota a natureza como uma fronteira de difícil acesso. A floresta, o principal obstáculo a ser transpassado. A fronteira, em seu relato, aparece relacionada ao trabalho, lá seria o lugar onde as relações comerciais, às quais estava acostumado, não poderiam realizar-se, pois não havia indústria, comércio, nem estradas de ferro por perto. A ausência destes símbolos da modernidade revela a verdadeira sensibilidade com a qual Oleskiv percebe o seu meio: selvagem. Aqui ele revela sua categorização do meio ambiente e apresenta a lente simbólica pela qual enxerga, afinal, nas palavras de Schama (1996, p. 17), “a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia”.

A nocividade da natureza nos relatos dos imigrantes pode ser traduzida também através da noção do trabalho que ela demandava, em contraposição à perspectiva edênica que visava atraí-los. Petrovich, em sua carta, faz o seguinte enunciado: “Esse é o nosso destino no Brasil. Aquilo que nos falta no velho país – floresta e terra – agora nós temos. Mas aqui é tanto trabalho. Nada está pronto para nós. Nada” (VELTCHEVSKI; MECHALOVSKY; PETROVITCH, 2000, p. 64). De maneira semelhante, Potoskei complementa o enunciado:

Tanto dinheiro foi desperdiçado na jornada. As pessoas comeram, bebiam e se divertiam porque iriam para o Brasil! Ao paraíso! Onde tudo era livre! Para sua saúde, meu amigo! Mas não havia nada quando eles vieram. Ninguém lhes deu uma casa ou um animal, apenas um grande trecho de floresta de 1.000 metros de comprimento e 250 metros de largura e um machado, enxada, pá e foice para limpá-lo. Você tem a mão, agora vá trabalhar (POTOSKEI, 2000, p. 21).

Com isso, esses dois contemporâneos do processo migratório demonstram que a ameaça causada pelo ambiente reside no fato de os imigrantes, além de não o compreenderem, não dispunham das técnicas adequadas para trabalhar a terra. Tal fator evidencia também que a relação de trabalho na Galícia estava condicionada por um ambiente já antropomorfizado, voltado para as relações e modos de produção da sociedade camponesa naquele contexto espacial e temporal. Embora saibamos que as florestas de Araucária do Paraná já haviam sido transformadas muito antes da chegada dos imigrantes, por grupos indígenas e caboclos, o resultado desta transformação não se encaixava ao modo de exploração de terra experimentado por essas famílias.

Outro fator de nocividade apresentado nas fontes era a alimentação. Enquanto os imigrantes permaneciam em abrigos temporários até que as demarcações dos lotes coloniais fossem concluídas, eles recebiam mantimento através do Governo. Uma vez que o colono fosse encaminhado para seu respectivo lote, a ajuda alimentícia cessava. Com isso, até finalizar os trabalhos de limpeza do terreno para ficar apto ao cultivo, a fome era uma realidade. Segundo Andrei Hotzailuk, que teve seu depoimento sobre a imigração publicado no jornal *Pracia* em 1924:

Não havia comida, nem dinheiro, nem trabalho. As pessoas comiam pinhões e os suaves centros de palmeiras. Eles também coletaram cogumelos, muitos morreram dos venenosos que eram tão comuns aqui quanto no país antigo. Esses eventos aconteceram entre maio de 1896 e janeiro de 1897. Alguns imigrantes também trouxeram sementes de vegetais para eles, mas esta não era a estação de plantio e não estavam familiarizados com a maneira brasileira de cultivar o solo (HOTZAILUK, 2000, p. 27).

No relato de Hotzailuk, evidencia-se novamente a desconhecimento da prática agrícola necessária para o novo ambiente, em Prudentópolis. A tentativa de se obter alimento através de uma espécie conhecida por eles, como o cogumelo, também esbarra no desconhecimento da natureza. Situação semelhante a esta ocorre no relato do imigrante Miguel Cheuczuk<sup>9</sup> que se estabeleceu na colônia Água Amarela em 1896 (hoje o município de Antônio Olinto):

Mais uma vez, a fome e a pobreza! Diante das dificuldades, as pessoas tornaram-se mais sérias em melhorar seu destino e começaram a coletar palmeiras, frutos silvestres e cogumelos para comer. Uma família morreu por comer cogumelos venenosos. Apenas um deles sobreviveu. Em desespero, alguns foram ao brasileiro e pediram comida (CHEUCZUK, 2000, p. 44).

Os animais também entraram na classificação dos imigrantes, enquanto eles não descobriam os “usos” de determinadas espécies, os animais causaram espanto como o próprio Cheuczuk relata:

Esta era uma floresta escura e espessa cheia de animais como porcos selvagens, macacos e até tigres pequenos. As pessoas estavam terrivelmente com medo quando ouviram os ruídos grunhidos do porco. Muitos pensaram que era o rugido de um leão!(CHEUCZUK, 2000, p. 43).

A classificação que Cheuczuk efetua sobre o porco, insere-se em um processo de construção, uma vez que, com o passar do tempo, práticas apropriadas da cultura cabocla permitiram que os porcos ocupassem um papel centralizado, ou útil, em detrimento de outros animais. A questão do animal selvagem está relacionada com a vivência na fronteira. Desse modo, a alteridade da fronteira estende-se entre os grupos humanos e não humanos, ou seja, diversas outras espécies, vegetais e animais, não domesticados.

<sup>9</sup> O relato de Cheuczuk foi publicado na edição comemorativa do jornal *Pracia* de quarenta anos da imigração em 1935.

Outro impacto frente a animais não domesticados é apresentado por Luca Morski<sup>10</sup>:

A vida nas colônias não era fácil. Tudo era tão diferente do que tinha sido na Europa. Havia formigas, o número e o tamanho do qual eu nunca tinha visto antes. Eles destruíam grãos de sementes, hortas e frutos de pomares inteiros. Gafanhotos e vermes, embora não apareçam todos os anos, para maiores danos (MORSKI, L., 2000, p. 50).

Pedro Veltchevski, ao enviar uma carta para seu cunhado Osyp, relata suas experiências na colônia de Rio Claro, em 1891<sup>11</sup>. Segundo ele:

Meu Deus! Quão terrível era isso! Eles disseram que estaríamos vivendo em colônias com casas e suprimentos, mas isso não era mais do que uma fronteira selvagem sem qualquer proteção. Existe um novo governo no Brasil e quer resolver essas áreas fronteiriças. Foi-nos dito para cortar árvores e construir cabanas, mas como um pobre homem poderia lidar com um tal céu e cheio de cobras e animais selvagens! (VELTCHEVSKI; MECHALOVSKY; PETROVITCH, 2000, p. 61).

Assim, novamente evidencia-se a associação entre a fronteira e o elemento natural não domesticado. Essa fórmula fora usada, *a posteriori*, para retratar o pioneirismo do imigrante europeu frente a esses espaços “indomáveis”. Depois que a fronteira esteja “vencida”, ou em outras palavras, ressignificada e racionalizada pelas representações e pela técnica, ela abre lugar ao discurso do “pioneiro”. Após 40 anos de colonização, Kobren relata<sup>12</sup>:

Hoje, cerca de 40 anos depois, é devido ao trabalho e ao sacrifício do nosso povo que as grandes extensões da floresta brasileira, uma vez habitadas apenas por índios, animais selvagens, cobras perigosas e aranhas, foram substituídas por campos de terras agrícolas, casas e assentamentos, animais domesticados, pomares e jardins (KOBREÑ, 2000, p. 38).

A narrativa de Kobren, portanto, evidencia um apelo ao discurso vitorioso do processo imigratório. Ao referenciar o “sacrifício de nosso povo” no processo de desflorestamento, ele conclama a vitória não somente a ele, enquanto ator contemporâneo dos eventos, mas, sim, a toda uma representação de um “nós”, uma identidade vitoriosa frente à mata selvagem. Este ambiente hostil somente é conquistado, em sua visão, quando é substituído por lavoura, casa, animais e plantas domesticadas. Novamente, ele categoriza o ambiente selvagem habitado “somente” por índios e animais selvagens e evidencia um silêncio em seu discurso ao não mencionar a presença de caboclos. Desse modo, a vivência na fronteira é marcada pelo silêncio da alteridade conquistada, sendo ela humana ou não humana, por diferentes culturas em diferentes temporalidades.

Portanto, são temporalidades diferentes do colono, do caboclo e do indígena onde a natureza era uma fronteira. Os colonos, que imigraram para uma região desconhecida, onde parte dos

<sup>10</sup> Luca Morski se estabelece com sua família na linha Consul Pohl em Prudentópolis no ano de 1896. Seu depoimento foi publicado em Morski (2000).

<sup>11</sup> O relato de Pedro Veltchevski foi publicado por Morski (2000).

<sup>12</sup> Felipe Kobren se estabelece no município de Iracema no Paraná em 1896. Seu relato foi publicado no jornal *Pracia* na edição comemorativa de quarenta anos da imigração em 1935.

animais e plantas também era desconhecida, serviram-se de um conhecimento produzido muito antes, que foi essencial para sua instalação.

Outro modo de classificação foi a natureza útil, isto é, os elementos naturais das quais os imigrantes puderam servir-se em seu objetivo de se estabelecer nos núcleos coloniais. Tal aprendizado foi possível devido ao contato com a população cabocla já estabelecida na região. Através dos caboclos os imigrantes ucranianos puderam ter acesso a práticas mais adaptadas ao mundo natural em que se encontravam. De acordo com Cecília Hauresko:

Os imigrantes, em particular os ucranianos e os poloneses, estabelecidos nesta região, já desenvolviam, ainda que em outro país e com outras técnicas, a agricultura, porém foi lhes necessário adequarem às necessidades de sobrevivência na região, utilizando-se de práticas agrícolas caboclas. Diante de outras condições sociais, econômicas, culturais e políticas, tiveram de adaptar as próprias práticas agrícolas e assimilar as dos caboclos (HAURESKO, 2012, p. 97).

Assim, essa circularidade de práticas possibilitou ao imigrante europeu classificar as formas de vida, vegetais ou animais, que melhor lhe serviriam, acarretando uma seleção artificial de espécies benéficas para seu sustento e, posteriormente, benéficas para o comércio.

Em nosso aparato de fontes, embora sejam raras as que mencionem especificamente as trocas de práticas agrícolas entre os caboclos e os colonos, observamos indícios de tais ações. Luca Morski, em determinada altura de seu relato, apresenta:

Nós aprendemos muitas lições na tentativa e erro. Alguns legumes eram muito suscetíveis às geadas brasileiras e só podiam ser plantados na primavera, isto é, em setembro ou outubro. O suco de limão foi um tratamento eficaz para a difteria. Madeiras duras, como bracatinga, produziram as melhores cinzas de madeira para fazer sabão e fertilizantes. Madeiras macias, como imbuia e pinheiro, produziam cinzas com menos porcentagem de potássio e fósforo. As pulgas no gado podem ser tratadas com vinagre em que as cascas de laranja foram embebidas ou com a água em que as batatas foram fervidas, ambas aplicadas nos animais topicamente (MORSKI, L., 2000, p. 50).

O relato de Luca Morski apresenta uma série de elementos de seu processo de adaptação à nova ruralidade. Embora caracterize que tal aprendizado ocorreu, percebe-se uma série de características técnicas próprias de uma vivência e prática nesse meio há muito estruturada. Contrapondo a ameaça que o cogumelo promoveu entre os imigrantes, Morski apresenta o limão como uma fruta já domesticada para as necessidades humanas. De modo semelhante, ele cita os usos dos diferentes tipos de árvores. Percebe-se um constante processo de racionalização do meio ambiente.

Na colônia de Rio Claro, em 1897, Potoskei também descreve suas práticas agrícolas. Diferentemente da colonização em Prudentópolis, em Rio Claro os ucranianos já tiveram acesso a um ambiente com maior povoamento à época de sua chegada, o que possibilitou uma maior

circulação das práticas. Segundo Potoskei:

É hora da colheita para nós agora (29 de dezembro de 1897). Nós temos centeio, cevada, trigo sarraceno e feijões que Deus em Sua graça fez crescer lindamente este ano. Muitas culturas são semeadas novamente após serem colhidas. Você pode plantar trigo sarraceno três vezes por ano aqui, cevada e ervilhas duas vezes, mas centeio apenas uma vez. Tudo cresce muito bem. O trigo não é plantado em grandes quantidades porque é difícil proteger o grão dos pássaros. O painço faz muito bem, as batatas também podem ser plantadas duas vezes por ano. Ninguém planta aveia porque não há necessidade disso aqui (POTOSKEI, 2000, p. 17).

Fica evidente, no depoimento de Potoskei, o domínio da circularidade das estações do ano, assim como as diversas espécies vegetais que têm a capacidade de produção mais facilitada. Mais adiante, Potoskei faz a seguinte afirmação: “Há algumas pessoas que não cuidam de suas chácaras ou se associam com os brasileiros. Eles ganham, ao invés disso, um monte inútil de dinheiro e dizem que irão voltar para a Galícia porque eles não conseguem trabalhar nessas florestas” (POTOSKEI, 2000, p. 17). Nessa afirmação, ao fazer referência aos colonos que não se associaram aos brasileiros, Potoskei lança luz ao processo de aprendizado das práticas agrícolas junto aos caboclos. O termo “brasileiro” aparece nesses depoimentos como indicativo da população nativa durante o período de estabelecimento das colônias, ou seja, os caboclos. Aqueles imigrantes que não mantiveram laços de sociabilidades com os brasileiros não conseguiram dominar as técnicas necessárias para a prática agrícola no novo ambiente.

Um outro ponto a se levantar é o tom mais otimista na narrativa de Potoskei. Em comparação com os outros relatos, ele demonstra um certo entusiasmo com o progresso da colônia. Diferente de outros depoimentos, nos quais se ressaltavam o caráter abrasivo do meio ambiente e a constante presença da fome. Isso permite levantarmos a hipótese de que, em Rio Claro, a maior proximidade entre caboclos e imigrantes ucranianos foi, para estes últimos, uma maneira de melhorar a situação.

### **Considerações Finais**

Este artigo buscou apresentar uma discussão referente aos modos como ocorreram as relações socioecológicas dos imigrantes ucranianos no contexto da imigração ao Paraná durante o século XIX. Partimos do pressuposto relacionado à alteridade ambiental, onde a necessidade de um dado grupo de se adaptar a um sistema ecológico está relacionada também, a seus próprios referenciais simbólicos e à sua identidade. Assim, ao analisarmos as chamadas “paisagens do medo”, procuramos apresentar como a perda desse objeto de significação atuou no grupo imigrante.

Para sua sobrevivência e seu estabelecimento nas colônias paranaenses, os ucranianos

estabeleceram um sistema social que dialogava com a população cabocla e através dessa proximidade, os imigrantes adotam o sistema de técnicas agrícolas, extrativistas e de conhecimentos e manejos da Floresta Ombrófila Mista. Tais técnicas já haviam sido apropriadas pelos caboclos por meio de seu contato com os povos Kaingang e Xokleng. Dessa forma, podemos compreender uma dinâmica temporal da paisagem da FOM, onde os grupos que habitam em tal sistema biológico o adaptam e acabam por se adaptar a ele através das mesmas práticas que o constituíram.

Por fim, após a adaptação ao manejo da floresta, os imigrantes passam a ressignificar esse ambiente, (re)construindo e adaptando as paisagens que são familiares a eles e que apresentam os seus referenciais simbólicos enquanto grupo. Tal processo perpassa pelo modo com que esse grupo classificou o ambiente e se adaptou a ele. Através disso, os imigrantes estabeleceram suas paisagens étnicas em meio às florestas de araucária.

## Referências

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. *In*: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil Vol. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995. Tese (Doutorado em História), Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 1996.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. *In*: IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Porto Alegre: **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História - ANPUH**, 1967, p. 423-439.

BUBLITZ, Juliana. **Forasteiros na floresta subtropical**: uma história ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2010.

CABRAL, Diogo de Carvalho. **Na presença da floresta**: Mata Atlântica e história colonial. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CAMPIGOTO, J. A.; SLOMINSKI, S.; SCHORNER, A. Produtoras de cerveja caseira e cotidiano dos descendentes de imigrantes eslavos na região Centro Sul do Paraná. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**. v. 5, p. 23, 2014.

CHEUCZUK, Miguel. In the paths of many. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross**: a collection of accounts and reminiscences about the ukrainian immigration in Brazil, 1891-1914. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

CORRÊA, Dora Shellard. **Paisagens sobrepostas**: índios, posseiros e fazendeiros nas matas de Itapeva (1723-1930). Londrina: EDUEL, 2013.

CRONON, William. Modes Placing of Prophecy in Nature and History Production. **The Journal of American History**, v. 76, n. 4, p. 1122–1131, 1990.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FRANZINA, Emílio. Imigração italiana no Rio Grande do Sul nas memórias de Júlio Lorenzoni (1877-1928). *In*: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. (org.). **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010. p. 63–84.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: ED UFPR, 2012.

HAURESKO, Cecília. **Lugares e tradições: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros**. Guarapuava: Unicentro, 2012.

HOTZAILUK, André. Memories from the first waves of emigration. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

KOBRÊN, Felipe. In search of a better life. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

MORSKI, Luca. And for the meal pyrohy and piranhas. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

OLESKIV, Yosyf. About free lands. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

PACEVICZ, João. The first to arrive. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

POTOSKEI, Teodoro. Our beginnings in Rio Claro. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Experiências da colonização eslava no Centro-Sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)**. Tese (Doutorado em História), Franca: Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP, 2012.

RAMOS, Odinei Fabiano. Dialética da migração: ucranianos e poloneses em Prudentópolis/PR. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v.8, n.1, p. 182-196, 2017.

SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. **O imigrante e a floresta: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí - SC**. Tese (Doutorado

em História), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2011.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEDREZ DOS REIS, Maurício; LADIO, Ana; PERONI, Nivaldo. Landscapes with Araucaria in South America: Evidence for a cultural dimension. **Ecology and Society**, v. 19, n. 2, s.p. 2014.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 1990.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

VELTCHEVSKI, Pedro; MECHALOVSKY, Fedorko; PETROVITCH, João. Letters Home. *In*: MORSKI, Jeffrey Picknick (org.). **Under the southern cross**: a collection of accounts and reminiscences about the ukraininan immigration in Brazil, 1891-1914. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.

*Recebido em: 26 de janeiro de 2022.*

*Aprovado em: 17 de março de 2022.*